

O inconsciente e(é) o tempo

Sidi ASKOFARÉ

Tradução: Paulo Marcos Rona

O tempo falta, repete-se à porfia. Ora, é necessário tempo, muito tempo para pensar a psicanálise em seu tempo e o tempo na psicanálise.

Do tempo na psicanálise, há, parece, pouco a dizer hoje em dia, de tanto que o tema foi medido e balizado. Estamos longe, com efeito, do tempo no qual nos sentíamos encerrados no paradoxo aparente que nos fazia dizer, de uma parte, com Freud, que “o inconsciente não conhece o tempo” e, de outra parte, com Lacan, que ele se manifesta segundo uma “pulsção temporal”. A oposição é, de saída, fecunda, já que ela faz aparecer que Freud trata das propriedades de um inconsciente-sistema, lá onde Lacan convoca principalmente, senão exclusivamente, o inconsciente tal como ele se desdobra no processo da cura analítica. Do mesmo modo, mesmo retomando a tese freudiana, é evidente que a ignorância do tempo pelo inconsciente não implica que o tempo não seja assunto da psicanálise.

Ora, o tempo concerne a psicanálise a três títulos.

No plano clínico, em primeiro lugar. Com efeito, não foi o menor mérito de Freud ter concebido, para capturar o “intemporal” do inconsciente-linguagem, esse engenhoso dispositivo fundado não somente na palavra – desenrolar e colocação em função temporal da linguagem – como também o manejo do tempo como variável na transferência. Não sem excesso, além do mais, às vezes, como Lacan o notava a justo título a propósito da cura do Homem dos Lobos: “Bem mais com uma ousadia que toca a desenvoltura, ele declara considerar legítimo elidir na análise dos processos os intervalos de tempo nos quais o evento permanece latente no sujeito. Quer dizer que ele anula os *tempos de compreender* em prol dos *momentos de concluir*, que precipitam a meditação do sujeito em direção ao sentido a ser decidido do evento original” (Escritos, p. 258).

Passemos sobre o fato de “que ao ente, é necessário o tempo de se fazer a ser”, e o fato de que é necessário de tempo para que *Wo es war, soll ich werden*.

A psicanálise é concernida pelo tempo também enquanto tempo histórico, ao menos porque os discursos com os quais ela entra na roda – fundamentais ou não, os discursos da ciência e do capitalismo tendo seus preços – e, sobretudo os sujeitos em sofrimento que a ela se endereçam trazem deles a marca. Seria possível esquecer que é no momento mesmo no qual Lacan enlaça pela primeira vez o “fim da análise didática” ao “engajamento do sujeito em sua prática” que ele adverte, a propósito da

função do analista: “Que antes renuncie a isto, portanto, quem não alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”?

No plano ético, em seguida.

A psicanálise, sabemos, deve muito, senão tudo à ciência, que é, ao mesmo tempo a provedora do sujeito sobre o qual ela opera, sua condição epistêmica e, por suas conseqüências – Kant –, sua condição ética. Resta que ela não poderia, sem se dissolver como prática e como discurso, seguir a ciência em seu rebaixamento da vida humana à pura vida biológica. Que uma vida tenha sua qualificação de humana de sua apreensão e de seu desenrolar na linguagem está de acordo muito bem com a máxima de Sócrates: “Uma vida não examinada não é digna de ser vivida”. O exame socrático não é o exame analítico; todos os dois requerem, no entanto, a linguagem e o tempo, a colocação em discurso e mesmo a colocação em narrativa. Para a psicanálise, esse tempo oscilou entre duração e fulguração. Ele pode tomar a figura das curas curtas com sessões longas, porque orientadas pela pesquisa do sentido e a busca da verdade; ele pode também tomar aquelas das curas longas com sessões curtas porque visando o ato e orientadas ao real.

Permanece, nos dois casos, que não se trata jamais de “viver para contar”, segundo o belo título das Memórias de Gabriel Garcia Marques, mas de historicizar¹ sua vida ordenando-a não conforme o tempo do universo da precisão – tempo da ciência e igualmente do capitalismo –, mas segundo a “palavra que dura”, e que dá razão da operação propriamente historicizante² que somente uma psicanálise torna efetiva; “O que se realiza em minha história não é o passado simples daquilo que foi, uma vez que ele já não é, nem tampouco o perfeito composto do que tem sido naquilo que sou, mas o futuro anterior do que terei sido para aquilo em que me estou transformando” (Escritos, p. 301)³.

No plano da estrutura, enfim, se nós a “desestruturalizamos” é para não guardar dela senão sua épura: a linguagem. É o princípio da solução lacaniana à questão do tempo, e sabe-se que ela é o ponto de partida. Ela se efetua finalmente, esta solução, na oposição finalmente muito simples entre o inconsciente como **lugar do Outro** – sincronia – e o inconsciente como **discurso do Outro** (diacronia), o inconsciente como história. De sorte que a a-temporalidade freudiana do inconsciente não poderia querer dizer senão uma única coisa: o caráter não alterável de seus conteúdos, se estamos de acordo com Heidegger em dizer que “o tempo se encontra primeiro no ente que se modifica. A alteração está no

¹ (N.T.) Jogo de palavra entre histeria (gr. hysteros) e história.

² Idem 1.

³ (N. T.) A citação no original no texto, incompleta, é “Ce qui se réalise dans mon histoire, n’est pas le passé défini de ce qui a été dans ce que je suis, mais le futur antérieur de ce (que) j’aurai été pour ce que je suis en train de devenir” (Écrits, p. 300)

tempo". O que, aplicado ao inconsciente, Lacan traduzirá e reduzirá a um sóbrio "indestrutibilidade de certos desejos" (Escritos, p. 581).

E por uma razão evidente: se a afinidade e a congruência desta tese com o inconsciente freudiano parecem evidentes, ela se torna ao menos problemática desde que o inconsciente se torna lacaniano, quer dizer, real: "do inconsciente (que só é o que se crê – digo: o inconsciente, seja, o real – caso se acredite em mim)" (Outros escritos, p. 567).

Com efeito, como excluir o tempo do conceito de inconsciente quando esse último, inclusive em Freud, além do mais, é indissolúvelmente **memória, programa** e princípio de **repetição**? Não seria necessário, ao contrário, chegar a dizer que o inconsciente é obra do tempo, ou mesmo que o inconsciente é o tempo?

(Toulouse, France)